



RESENHA

ERA DOS EXTREMOS: O BREVE SÉCULO XX: 1914-1991, DE ERIC HOBSBAWM REVIEW: THE AGE OF EXTREMES: THE SHORT TWENTIETH CENTURY, 1914- 1991, BY ERIC HOBSBAWM

Hélio Donisete Cavallaro Filho¹

 [0000-0002-0016-6225](https://orcid.org/0000-0002-0016-6225)

Eric Hobsbawm (1917-2012) era formado em História pela Universidade de Cambridge, sendo que também fez seus estudos em Viena, Berlim e Londres. Foi “*fellow*” da *British Academy* e da *American Academy of Arts and Sciences* e professor visitante em diversas universidades da Europa e da América, lecionando até aposentar-se no *Birbeck College* (da Universidade de Londres). Desde então foi professor na *New School for Social Research*, em Nova Iorque. Escreveu, entre outros, “A Era das Revoluções”, “A Era do Capital”, “A Era dos Impérios”, “Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo”, “Ecos da Marselhesa” e “Mundos do Trabalho”.

Um dos mais renomados historiadores do século XX, Hobsbawm foi um intelectual público, cujas obras e opiniões eram conhecidas de grande parte do mundo anglófono, mas também com relevante aceitação no Brasil e América Latina. Seu marxismo (era membro da denominada Escola Britânica do Marxismo², bem como do Partido Comunista da Grã-Bretanha, que jamais abandonou) lhe incutiu a problemática do movimento estrutural da sociedade, favorecendo a elaboração de sínteses históricas que o tornariam famoso (MASSERONI, 2021, p. 374).

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas. *E-mail*: helio.dcf@puccampinas.edu.br.

² Também chamada de Escola Inglesa, reuniu, na segunda metade do século XX, historiadores de orientação relacionada ao materialismo histórico, como Hobsbawm, Edward Thompson (1924-1993) e Christopher Hill (1912-2003).

Como citar este artigo/*How to cite this article*

Cavallaro Filho, H. D. Era dos extremos: o breve século xx: 1914-1991, de Eric Hobsbawm. Revista de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, v. 3, e226419, 2022. <https://doi.org/10.24220/2675-9160v3e2022a6914>

Recebido em 17 de agosto de 2022 e aprovado em 23 de agosto de 2022.



Não obstante, em *Era dos Extremos*, Hobsbawm não se limita a uma análise meramente economicista, apresentando seu testemunho e visão particular sobre o século XX, em uma posição que ele próprio denomina de “observador-participante” (HOBSBAWM, 2006, p. 6).

O autor busca, nesta obra, “[...] compreender e explicar por que as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si” (HOBSBAWM, 2006, p. 12), descrevendo o século XX, no período que se estende do início da Primeira Guerra Mundial até a dissolução da União Soviética, como sendo verdadeiramente terrível e fugaz, marcado por guerras, bem como pelo nascimento e desaparecimento de utopias, genuína “era das ilusões perdidas” (LEITE, 2020).

Outrossim, defende a ideia de “continuum” temporal, isto é, que passado, presente e futuro estão relacionados, interagindo reciprocamente (LÔBO, 2003, p. 71), figurando os acontecimentos públicos como formadores de nossas vidas públicas e privadas, razão pela qual o passado é parte de nosso presente permanente (HOBSBAWM, 2006, p. 12).

Assim, dessume-se a relevância da obra na medida em que fornece um olhar panorâmico da estrada que nos trouxe até aqui, com diversos problemas atuais tendo origem nos escombros do século passado, a demandarem devida reflexão do período. Ademais, o livro aborda as grandes questões que ocuparam os talentos intelectuais ao longo do século, transitando da economia e política às artes e ciências, sendo aclamado por estabelecer o padrão para as contas do século XX, mostrando-se, portanto, como um importante referencial de estudo e análise deste momento histórico (FREEDMAN, 1997).

Considerando-se, ainda, que todo o sofrimento, atrocidades e massacres ocorridos no século passado vieram, nas palavras de Fabio Konder Comparato (2015, p. 68–69 e 226), a aprofundar a afirmação histórica dos direitos humanos, abrindo-se as consciências para o fato de que a sobrevivência da humanidade exige a colaboração de todos os povos, visando a reorganização das relações internacionais com fundamento no respeito incondicional à dignidade humana, de grande valia é o estudo de Hobsbawm acerca dos caminhos trilhados no século XX, para que possamos compreender como eles moldaram o que mesmo se entende, atualmente, por “direitos humanos”³.

³ A propósito, Flávia Piovesan afirma que: “Considerando a historicidade dos direitos, destaca-se a chamada concepção contemporânea de direitos humanos, que veio a ser introduzida pela Declaração Universal de 1948 e reiterada pela Declaração de Direitos Humanos de Viena de 1993. Essa concepção é fruto da internacionalização dos direitos humanos, que constitui um movimento recente na história, surgindo, a partir do Pós-Guerra, como resposta às atrocidades e aos horrores cometidos durante o nazismo. [...] É nesse cenário que se vislumbra o esforço de reconstrução



Em 598 páginas, a obra divide a história do século XX em três “eras”. A primeira, “da Catástrofe”, é marcada pelas duas grandes guerras, pelas ondas de revolução global em que o sistema político e econômico da União Soviética surgia como alternativa para o capitalismo e pela gravidade da crise econômica de 1929. A segunda são os anos dourados das décadas de 1950 e 1960 que, em plena Guerra Fria, viram a viabilização e a estabilização do capitalismo, responsável por uma extraordinária expansão econômica e profundas transformações sociais. Por fim, na terceira (entre 1970 e 1991) ocorre o “desmoronamento” final, em que caem os sistemas institucionais que previnem o barbarismo contemporâneo, dando lugar a um futuro muito mais sombrio e incerto.

Na primeira parte, denominada “A Era da Catástrofe” e que compreende os capítulos 1 a 7, o autor inicia sua exposição, no 1º capítulo, tratando do contexto, do desenrolar e das consequências das duas guerras mundiais, desde 1914 (início da 1ª Guerra Mundial) até 1945 (final da 2ª Guerra Mundial), e termina sua exposição discorrendo sobre um dos frutos da “era da guerra total”: a chamada “revolução mundial”.

Em seguida, no 2º capítulo, assevera que as tensões das duas guerras mundiais do século XX sobre os Estados e povos nelas envolvidos foram tão impactantes que quase os levaram até o “ponto de ruptura”; conseqüentemente, o fim das guerras significou levantes.

Segundo Hobsbawm, o velho mundo estava condenado, a humanidade estava à espera de uma alternativa, que era conhecida em 1914: o socialismo (representado pelos partidos socialistas, que recebiam o apoio das classes trabalhadoras). A Revolução Russa, que teve repercussões profundas e globais, foi a “força motriz” e inspiração de vários dos movimentos revolucionários subsequentes que varreram o globo, sendo que a força do movimento pela revolução mundial estava na forma comunista/leninista de organização (representada pela dedicação e autossacrifício de seus membros). Tal onda revolucionária foi caracterizada tanto por golpes militares executados, principalmente, por oficiais subalternos de simpatias radicais e/ou esquerdistas, quanto por movimentos rurais de guerrilha.

Já no 3º capítulo, Hobsbawm trata do colapso econômico entre as guerras (a conhecida “Grande Depressão”) e de suas conseqüências e/ou frutos: Hitler, Roosevelt, a estagnação/regressão do processo de globalização da economia, a queda de diversos governos na América Latina, entre

dos direitos humanos, como paradigma e referencial ético a orientar a ordem internacional contemporânea” (PIOVESAN, 2019, p. 64).



outros. Além disso, o autor suscita um importante aspecto desse período: a queda do velho liberalismo, que representou a destruição de toda esperança de restaurar a economia e a sociedade do século XIX, isto é, o retorno a 1913 tornou-se impossível e impensável.

No 4º capítulo, Hobsbawm passa a desenvolver melhor tal ideia, tratando do colapso dos valores e instituições da “civilização liberal”, quais sejam: desconfiança da ditadura e dos governos absolutos; um conjunto aceito de direitos e liberdades dos cidadãos; a valorização da razão, da educação, da ciência; dentre outros. As duas décadas entre a ascensão de Mussolini e o ápice do sucesso do Eixo na 2ª Guerra Mundial presenciaram uma retirada acelerada e catastrófica das instituições políticas liberais, com rápido declínio do número de governos constitucionais e eleitos (de 35 em 1920 para 12 em 1944, de um total global de 65).

Continuando sua exposição, o autor trata, no 5º capítulo, dos movimentos e coalizões europeus que visavam combater o “inimigo comum”: o fascismo, representado, principalmente, pelo nacional-socialismo da Alemanha de Hitler. Como exemplos de tais movimentos o autor cita tanto as “Resistências” (a francesa, por exemplo) quanto a improvável aliança antifascista entre EUA e URSS, que nunca deixaram de ser um jogo político entre Estados e grupos ideológicos pautado por interesses e pela situação geral.

No 6º capítulo, Hobsbawm trata da ampla “revolução cultural” que ocorreu no mundo ocidental entre 1914 e 1945, notadamente na Europa, centro “exportador” das novas ideias para outros locais do globo, que, por sua vez, representou o rompimento com a tradição liberal-burguesa do século XIX nas artes. Como exemplo de tais mudanças, o autor menciona o surrealismo, o dadaísmo, o cinema, principalmente as produções advindas da Alemanha de Weimar e da Rússia soviética, e até o jazz; todos configuraram-se como movimentos de vanguarda. O autor também menciona a popularização e massificação dos veículos de comunicação (o rádio, por exemplo) e, conseqüentemente, das artes, que passaram a ser produzidas por e para o homem comum.

Encerrando a primeira parte, o 7º capítulo discorre sobre a crise do colonialismo, que teve início na primeira metade do século XX, ganhando força nos anos 30, e se estendeu até os anos 1970, quando a “era colonial” efetivamente acabou. A “Grande Depressão” foi a principal força catalisadora de tal movimento, pois, pela primeira vez, os interesses de economias dependentes e metropolitanas entraram claramente em choque, sendo que colonialismo e dependência deixaram de ser rentáveis até para os que se beneficiavam com eles nas colônias; além disso, ela levou à radicalização,



propiciando o contato entre as minorias politizadas e as pessoas comuns de seus países. A 1ª Guerra Mundial também abalou seriamente a estrutura do colonialismo mundial, destruindo dois impérios – alemão e otomano –, e derrubando temporariamente um terceiro, a Rússia.

Iniciando agora a segunda parte de sua obra, denominada “A Era de Ouro” e que abarca os capítulos 8 a 13, o autor, no 8º capítulo, tece considerações acerca do período de constante confronto das duas superpotências que emergiram da 2ª Guerra Mundial: a chamada “Guerra Fria”. Segundo Hobsbawm, não havia perigo iminente de guerra mundial, os governos de EUA e URSS aceitaram uma distribuição global de forças, controlando os soviéticos as zonas ocupadas pelo Exército Vermelho ou outras forças comunistas no término da guerra e os americanos exercendo controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, havendo equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência.

Tal período, segundo o autor, é subdividido em duas fases: a que vai do fim da 2ª Guerra Mundial até o começo da década de 1970, marcada inicialmente pelos perigosos anos de 1947 a 1950-3 (Guerra da Coreia) e posteriormente por uma relativa estabilização entre as relações das duas superpotências. Já a segunda fase vai dos anos 1970 até os anos próximos à dissolução da URSS (décadas de 1980-1990), que teve como principais aspectos uma séria crise econômica mundial, que afetou fortemente os países capitalistas ocidentais, e a acelerada decadência social, econômica e política dos soviéticos, até o derradeiro fim de seu Estado. Os conflitos ocorridos neste período entre os campos socialista e capitalista restringiram-se a certos países/territórios, muitas vezes de forma indireta, por meio de ajuda financeira e militar, e ao aspecto puramente ideológico.

No 9º capítulo, o autor trata dos “anos dourados” (1947-1973), marcados pela grande recuperação e prosperidade econômica nos países da Europa ocidental, pelo predomínio das ideias keynesianas na condução da economia, pela construção do “Estado de bem-estar social” (*welfare state*) em vários países europeus, pela construção de uma nova ordem econômico-financeira internacional liderada pelos EUA (definida em Bretton Woods), pelo avanço na internacionalização da economia, pelo surgimento de diversas tecnologias novas (“terremoto tecnológico”), entre outros. Referido período representou uma total reestruturação e fortalecimento do sistema capitalista, que apresentava péssimas perspectivas para os anos do pós-guerra, posto que todos temiam uma nova “Grande Depressão”.



Já no 10º capítulo, Hobsbawm discorre sobre as profundas, rápidas e universais mudanças sociais que ocorreram no globo na segunda metade do século XX, apontando como exemplos: a morte do campesinato e o conseqüente aumento das populações urbanas, sendo que nenhum país a oeste das fronteiras da “cortina de ferro” tinha menos de dez por cento de sua população na atividade agrícola no início da década de 1980; o aumento do nível de educação secundária e superior em diversos países (do Brasil à França) e o concomitante crescimento de ocupações que exigiam este tipo de instrução; o declínio das classes operárias industriais, principalmente nos EUA e Europa, que passavam por um processo de desindustrialização, marcado pelo surgimento dos “cinturões de ferrugem”; a inserção da mulher no mercado de trabalho e, conjuntamente, o reflorescimento dos movimentos feministas (década de 1960); dentre outros.

No 11º capítulo, o autor discursa sobre um processo que foi, em grande parte, fruto da “convulsão social” tratada anteriormente: a revolução moral e cultural que afetou as convenções de comportamento social e pessoal. Essa mudança se deu tanto no Terceiro quanto no Primeiro Mundo, apresentando como principais aspectos as mudanças ocorridas na instituição “família” (entende-se aqui a “família nuclear”, composta por um homem e uma mulher casados e com filhos), que passou, em muitos casos, a ser comandada por uma mulher solteira; o surgimento de cultura juvenil específica e extraordinariamente forte, representada pela visão de que a juventude é o ápice da vida de uma pessoa, e não mais a preparação para a vida adulta, pelo rock, pelo “blue jeans”; a valorização da cultura popular, principalmente na música; a liberalização sexual; entre outros.

Em seguida, no 12º capítulo, Hobsbawm trata das grandes mudanças ocorridas no panorama político, econômico e social do Terceiro Mundo na segunda metade do século XX, abarcando desde questões demográficas (aumento sistemático da população em tais países) até as transformações no comportamento das pessoas, ou seja, a “modernidade”, representada geralmente por aquilo que vinha das grandes cidades, provocava um rompimento com os velhos costumes. Tais mudanças trouxeram profundas conseqüências, ocorrendo a contestação do monopólio político das velhas elites, principalmente pelos grupos de pessoas jovens e cidadinas que se inseriam no mundo moderno, e a formação de classes operárias industriais que exigiam direitos trabalhistas e sindicatos nos países de recente industrialização, como Brasil e Coreia do Sul.

Finalizando a segunda parte, no 13º capítulo, o autor discorre sobre a trajetória do “socialismo real” (socialismo realmente existente) na URSS e em outros Estados influenciados por ela, por



exemplo, em seus “estados-satélite” da Europa oriental. Esse grupo de países permaneceu por um bom tempo isolado econômica e politicamente do restante do mundo, especialmente durante a Guerra Fria, tal como aconteceu com a Rússia logo após a Revolução de Outubro — paulatinamente, a ideia de expandir a “revolução” para todo o mundo arrefeceu, prevalecendo o argumento do “socialismo em um só país” — sendo este isolamento era compensado por uma gigantesca política de autossuficiência. Em determinadas áreas, como educação e desenvolvimento industrial, os países socialistas conseguiram enormes avanços, porém, existiam muitos problemas inerentes à própria dinâmica do sistema, como a inflexibilidade da economia, não planejada para diversificar e/ou inovar, e a excessiva burocratização estatal, que acabaram contribuindo para sua própria estagnação e dissolução. Apesar de constituir um bloco relativamente coeso, Hobsbawm assevera que a influência da URSS sobre os outros países socialistas nunca foi total e irrestrita, começando a se fragmentar este “monólito” a partir dos últimos anos de vida de Stalin, sendo maiores exemplos a Iugoslávia de Tito e a China de Mao. Assim, o sistema conseguiu se manter estável até os anos 1980, quando começa a desfazer-se rapidamente.

O 14º capítulo, a partir do qual inicia-se a última parte da obra, denominada “O Desmoronamento” e que se estende até o capítulo 19, trata das “décadas de crise”, caracterizadas pela instabilidade e pela perda das referências. Mais especificamente, esse período é marcado pelas crises do petróleo (em 1973 e 1979), que minaram o contínuo crescimento das países capitalistas desenvolvidos; pela abertura dos mercados financeiros, com menor regulamentação; pelo contínuo descrédito das teorias keynesianas de condução da economia e consequente aumento do prestígio das teorias neoliberais; pelo desmonte do “Estado de bem-estar social” construído nos anos anteriores, ressurgindo o “Estado mínimo”; pelo aumento da pobreza e do desemprego nos países retromencionados; e pelo colapso do bloco socialista. Nesse momento, o capitalismo viu-se em uma crise tão séria e global quanto a “Grande Depressão” dos anos 1930, não representando sua “vitória” sobre o sistema socialista sinal de pujança e estabilidade, mas o exato oposto rondando-o durante tais anos.

Prosseguindo em sua explanação, Hobsbawm, no 15º capítulo, discorre sobre o potencial revolucionário do Terceiro Mundo, representado, geralmente, pelas guerrilhas rurais, como aquela liderada em 1958 por Fidel Castro e Che Guevara em Cuba; pelas guerrilhas urbanas, movimentos estes classificados como “terroristas” (ETA basco, “Brigadas Vermelhas” italianas); e pela força social



dos estudantes. Entretanto, tais movimentos não seguiam a tradição de revolução social no estilo da Revolução Russa (que se exauriu), surgindo diferentes modelos de revolução durante a segunda metade do século XX: de cunho militar, religioso, anti-imperialista. A única semelhança que guardavam entre si foi proporcionarem a revivescência das massas.

No 16º capítulo, o autor discursa sobre o fim do “socialismo real” nos países do bloco soviético, inclusive na própria URSS. Neste país, problemas sistêmicos insolúveis combinados com aqueles advindos de uma economia mundial mutante e problemática levaram no final dos anos 1980 ao colapso do sistema e ao fim do próprio Estado, apesar de Mikhail Gorbachev, secretário-geral do Partido Comunista soviético entre 1985-91, e dos reformadores de seu governo buscarem tornar a economia e a política mais racionais e flexíveis, o que foi representado pelos slogans: “perestroika”, ou reestruturação, e “glasnost”, ou liberdade de informação. Na Polônia dos anos 1980, um movimento trabalhista politicamente organizado (o Solidariedade) e a Igreja Católica, que apresentavam grande apoio popular, aceleraram a dissolução do regime comunista instalado desde o fim da 2ª Guerra Mundial, não contando este com o apoio soviético, pois a URSS não estava mais disposta a intervir em seus “estados-satélite”. Na China, o “socialismo realmente existente” de Mao Tsé-Tung foi sendo paulatinamente reformado e modificado a partir do governo de Deng Xiaoping, abandonando-se a ideia original de uma economia centralmente controlada e estatalmente planejada, baseada num Estado coletivizado. Em suma, Hobsbawm aponta que o problema da Revolução Russa, bem como dos governos/sistemas de outros países que foram inspirados nela, foi a de que ela só pode produzir seu tipo de socialismo de comando brutal e inflexível, o que dificultava qualquer tipo de flexibilização e/ou reestruturação na essência desse, medidas necessárias para sua própria permanência, após certo tempo.

Em continuidade, o 17º capítulo trata das artes após 1950, que sofreram uma grande revolução por meio da tecnologia: tornaram-se onipresentes (uma música, por exemplo, pode ser ouvida em qualquer lugar utilizando-se fones de ouvido) e tiveram a maneira como são percebidas totalmente modificada. Com relação às “grandes artes”, como o cinema, literatura, arquitetura, houve uma acentuada mudança geográfica para longe dos centros tradicionais (europeus) de cultura de elite, florescendo em países como Japão, Brasil e Índia. Por sua vez, os países comunistas foram marcados, em grande parte, pela opressão ideológica do partido no campo cultural, o que comprometeu a livre produção artística, ainda que não totalmente, pois certa criatividade floresceu sob os regimes



comunistas da Europa Oriental em áreas como a cinematografia. Hobsbawm ainda trata da integração e inserção das artes na vida acadêmica, do declínio da alta cultura clássica, devido a fatores como o triunfo universal da sociedade de consumo de massa e a morte do “modernismo”, assim como do surgimento de diversos movimentos denominados “pós-modernistas” nas artes, nas ciências sociais e na antropologia.

No 18º capítulo, o autor faz considerações acerca do papel das ciências naturais na segunda metade do século XX, sendo que essas se tornaram essenciais para vários aspectos da vida comum, como a biotecnologia na área de alimentação, porém, paradoxalmente, esse foi o período em que as próprias pessoas comuns, beneficiárias de tais avanços, sentiram-se menos à vontade com as descobertas destas áreas do conhecimento. Outros pontos levantados por Hobsbawm são a desnecessidade de os operadores destas novas tecnologias entenderem o mecanismo de seu funcionamento, não sendo necessário mais do que o reconhecimento dos números cardinais e um mínimo de atenção; o fim das “velhas certezas” que conduziam a observação e a produção teórica científica, como o abalo sofrido pelo paradigma newtoniano na física com o surgimento da mecânica quântica e da “teoria da incerteza” de Heisenberg; a politização dos cientistas, que cada vez mais se envolviam em questões ideológico-partidárias; e a maior preocupação da comunidade científica com as mudanças que as inovações tecnológicas poderiam produzir no planeta, o que envolve questões como o “buraco” na camada de ozônio e o “efeito estufa”.

Por fim e encerrando a terceira e última parte de seu livro, Hobsbawm discute no 19º capítulo sobre a conjuntura política, social e econômica dos últimos anos do século XX e sobre as perspectivas nada promissoras do futuro que nos aguarda. Segundo o autor, o século acabou numa desordem mundial, cuja essência não era clara, e sem um mecanismo que pudesse acabar com ela ou mantê-la sob controle, o que é representado, por exemplo, pelo fracasso de todos os programas destinados a melhorar os problemas da raça humana (modelo soviético, modelo religioso, modelo do “laissez-faire”), bem como pela falta de um sistema ou estrutura organizacional internacional, precipuamente no que diz respeito a questões diplomáticas.

Outros problemas apontados, e que segundo Hobsbawm serão decisivos a longo prazo, são o demográfico, que também envolve a questão da imigração ilegal para os países desenvolvidos, o ecológico (crise ecológica global), o econômico, que abarca questões como o aumento do “fosso” entre



países ricos e pobres, e o político, no que diz respeito ao enfraquecimento da entidade “Estado-nação”.

Concluindo seu pensamento, o autor afirma que não sabemos para onde estamos indo, porém, assevera que não devemos prolongar no futuro os problemas e equívocos do passado se desejarmos construir um terceiro milênio de sucesso.

Em suma, a obra traz uma visão geral do impacto que o “breve século XX” causou na vida e na história de toda humanidade: ao mesmo tempo em que se chegou a níveis de bem-estar nunca antes imaginados, nele mataram-se mais seres humanos do que em qualquer outra época. É uma leitura indispensável para quem deseja compreender, de forma ampla e contextualizada, porque a história nos trouxe até este ponto e porque tantos sonhos e ilusões foram idealizados e desfeitos com a mesma rapidez que caracterizou o decorrer dos dias deste século paradoxal e extremo, com consequências diretas na concepção e aplicação jurisdicional dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- COMPARATO, F. K. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- FREEDMAN, L. Review of *The Age of Extremes: the short twentieth Century, 1914-1991*. *Reviews in History*, 1997. Disponível em: <https://reviews.history.ac.uk/review/28>. Acesso em: 18 set. 2022.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LEITE, G. A era dos extremos. *Jornal Jurid*, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/a-era-dos-extremos>. Acesso em: 18 set. 2022.
- LÔBO, I. G. *O tempo presente na obra de Eric Hobsbawm*. 2003. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7798>. Acesso em: 18 set. 2022.
- MASSERONI, V. O. Hobsbawm: uma vida na história e a história de uma vida. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS*, v. 13, n. 26, p. 366-375, 2021.
- PIOVESAN, F. *Direitos humanos e justiça internacional: um estudo comparativo dos sistemas regionais europeu, interamericano e africano*. 9. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

